

Comunicado à imprensa no.
2004/309/S

Contatos:

Em Washington: Christopher Neal (202) 473-7229

Cneal1@worldbank.org

Cynthia Case (TV/Rádio) (202) 473-2243

Ccase@worldbank.org

POBREZA MUNDIAL REDUZIDA PELA METADE DESDE 1981 MAS AVANÇOS SÃO DESIGUAIS PORQUE O CRESCIMENTO ECONÔMICO NÃO ALCANÇOU MUITOS PAÍSES

WASHINGTON, 23 de 23 de 2004 —A proporção de pessoas extremamente pobres (que vivem com menos de um dólar por dia) nos países em desenvolvimento caiu quase pela metade entre 1981 e 2001, de 40 para 21 por cento da população mundial, segundo cifras hoje publicadas pelo Banco Mundial. Mas embora o crescimento econômico rápido no Leste e no Sul da Ásia tenha tirado 500 milhões de pessoas da pobreza só naquelas duas regiões, a proporção dos pobres cresceu ou caiu apenas levemente em muitos países da África, América Latina, Europa Oriental e Ásia Central.

Essa desigualdade nos avanços suscita a preocupação de que alguns países não possam alcançar as oito Metas do Milênio para o Desenvolvimento (MMD), aprovadas por 189 nações em 2000, a primeira das quais é reduzir pela metade, até 2015, a taxa de pobreza predominante em 1990. “*O crescimento econômico na China e na Índia permitiu uma impressionante redução no número dos pobres*”, diz **François Bourguignon, o Economista Chefe do Banco**. “*Mas outras regiões não tem conseguido crescer de forma sustentada e, em muitos casos, o número de pobres na verdade aumentou. Embora provavelmente possamos alcançar a primeira Meta do Milênio para o Desenvolvimento que é a redução pela metade da pobreza mundial até 2015, assistência muito maior, abertura do comércio e reformas generalizadas das políticas públicas são necessárias para alcançar todas as MMD em todos os países.*”

O relatório estatístico anual do Banco, **World Development Indicators 2004** (Indicadores de Desenvolvimento Mundial 2004 - IDM), hoje publicado, revela uma queda no número absoluto de pessoas que vivem com menos de US\$1 por dia em todos os países em desenvolvimento, de 1,5 bilhão em 1981 para 1,1 bilhão em 2001. Grande parte desse avanço ocorreu na década de 1980. Entre 1990 e 2001, a queda no número de pessoas extremamente pobres em todo o mundo sofreu uma desaceleração, caindo 120 milhões – de 1,2 bilhão para 1,1 bilhão de pessoas – enquanto a proporção dos pobres caiu de 28 para 21 por cento da população total.

Entre 1981 e 2001, o produto interno bruto (PIB) per capita aumentou 30 por cento em todos os países em desenvolvimento. Na Ásia Oriental, onde o PIB per capita triplicou, crescendo a uma média anual de 6,4 por cento, a proporção das pessoas que vivem na pobreza extrema caiu de 58 para 16 por cento e o número absoluto de pessoas que escaparam da pobreza extrema desde 1981 foi superior a 400 milhões.

A China conseguiu avanços notáveis na luta contra a pobreza absoluta: o PIB per capita quintuplicou desde 1981 e o número dos extremamente pobres caiu de 600 milhões para um pouco mais de 200 milhões, isto é, de 64 para 17 por cento. Cerca da metade desse avanço foi conseguido na primeira metade da década de 1980.

No Sul da Ásia, uma taxa de crescimento anual médio do PIB de 5,5 por cento na década de 1990 ajudou a reduzir a proporção dos extremamente pobres de 41 por cento em 1990 para 31 por cento. Mas tendo em vista que essa expansão econômica coincidiu com um crescimento rápido da população nessa região desde 1990, o número absoluto de pessoas que vivem com menos de US\$1 por dia só caiu 34 milhões desde 1990, para um total de 428 milhões em 2001.

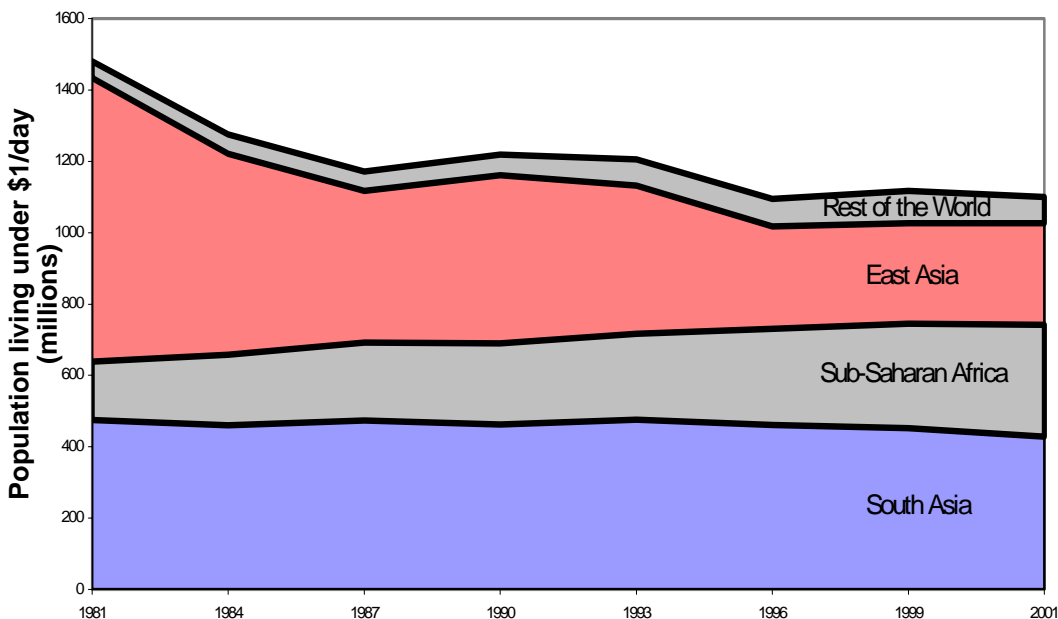
Em contraste marcante com o Leste e o Sul da Ásia, a pobreza na verdade cresceu na África Subsaariana. Desde 1981, uma contração de 13 por cento no PIB per capita da África Subsaariana fez com que dobrasse o número de pessoas que vivem com menos de US\$1 por dia, de 164 para 314 milhões, um aumento de 42 para 47 por cento da população da região.

Na Europa Oriental e na Ásia Central, grande desemprego e produção decrescente em muitas das economias que faziam planejamento central estimulou as taxas de pobreza extrema, de foram de quase zero em 1981 para 6 por cento em 1999, embora recentemente haja sinais de uma queda nessas taxas de pobreza. O número de pessoas que vivem com menos de US\$2 por dia na Europa Oriental e na Ásia Central aumentou de 8 milhões (2 por cento do total) em 1981 para mais de 100 milhões (24 por cento do total) em 1999, mas caiu para um pouco mais de 90 milhões (20 por cento do total) em 2001).

As economias da América Latina e do Caribe pouco cresceram na década de 1990 e a pobreza só diminuiu marginalmente. Em 2001, a proporção dos pobres na região, inclusive dos que vivem com menos de US\$1 e US\$2 por dia – 10 e 25 por cento do total da população, respectivamente – é mais ou menos a mesma do que em 1981, quando essas cifras eram 10 e 27 por cento.

No Oriente Médio e no Norte da África, a pobreza extrema caiu pela metade, de 5 por cento em 1981 para 2,5 por cento em 2001, enquanto a proporção dos que vivem com menos de US\$2 por dia baixou de 29 por cento em 1981 para 23 por cento em 2001.

Número de pobres por região (US\$1 por dia)



População que vive com menos de US\$1 por dia

(milhões)

Resto do mundo

Ásia Oriental

África Sub-Saariana

Sul da Ásia

Essas estatísticas apresentam um quadro de avanços desiguais na redução da pobreza e indicam claramente que os maiores avanços ocorrem onde o crescimento e o comércio coincidem com iniciativas sustentadas para desenvolver o capital humano e promover um clima propício para os investimentos. Por si só, contudo, o crescimento não garante redução rápida da pobreza, visto que os seus benefícios geralmente demoram para chegar aos pobres.

Investimentos sociais necessários para alcançar as MMD

*“Aumentar a segurança para os pobres significa reduzir a sua vulnerabilidade às doenças e aos choques econômicos”, afirma **Martin Ravallion, gerente do programa de pesquisas do Banco a respeito de pobreza.** “Para aumentar a segurança dos pobres, as estratégias nacionais de redução da pobreza devem apoiar as suas necessidades imediatas de consumo e proteger os seus ativos, assegurando o acesso deles aos serviços básicos, inclusive saúde, educação e nutrição”.*

A urgência dessas estratégias é ressaltada pelo fato de que, em escala mundial, cerca de 840 milhões de pessoas, a maior parte delas em países de baixa renda, são cronicamente mal-nutridas. Mesmo nas regiões que crescem rapidamente, a qualidade de vida dos pobres geralmente continua imutável se não houver investimentos sociais adequados. Apesar do crescimento impressionante do Sul da Ásia, por exemplo, a região ainda registra desnutrição de

quase 50 por cento das crianças, juntamente com matrículas e taxas de conclusão do curso primário sempre baixas. Se essas taxas persistirem, as crianças de mais da metade dos países em desenvolvimento não estarão terminando o curso primário completo por volta de 2015, como requerido pelas MMD.

Essas disparidades nos indicadores sociais esboçada pelos IDM de 2004 ressaltam a verificação do *Relatório de Desenvolvimento Mundial 2004*, do Banco Mundial, segundo a qual os serviços públicos de saúde, nutrição e educação geralmente não atendem os pobres. Por exemplo, em 20 países em desenvolvimento com dados desagregados, as taxas de mortalidade infantil só baixaram para os 20 por cento mais pobres da população à metade da taxa de redução de toda a população. Em escala mundial, a mortalidade entre as crianças de menos de 5 anos de idade diminuiu de 95 por 1000 nascimentos em 1990 para 81 em 2002. Avanços muito mais rápidos serão necessários para alcançar a MMD de redução para 32 mortes por 1000 nascimentos, até 2015.

HIV/AIDS infetou mais de 60 milhões de pessoas nos países em desenvolvimento e 70 por cento na África Subsaariana, o que resultou numa queda na taxa de esperança de vida de 48 anos em 1980 para 46 anos em 2002.

As disparidades que persistem entre as regiões e dentro dos próprios países a respeito de esperança de vida, mortalidade infantil e materna, matrícula escolar e conclusão do curso primário, equidade entre os sexos e avanços no combate às doenças comunicáveis continuam a representar grandes obstáculos para a consecução de muitas MMD. “*Avanço continuado na redução da pobreza*”, notam os IDM, “*depende de crescimento econômico e da distribuição da renda*”.

Para crescimento sustentado, acesso aos mercados

Para conseguir e sustentar os níveis de crescimento econômico requeridos para reduzir a pobreza, os países em desenvolvimento precisam de maior acesso aos mercados estrangeiros. Embora o comércio seja responsável por parcelas de produção maiores nos países em desenvolvimento do que nos países mais ricos, muitos obstáculos continuam a impedir que os países em desenvolvimento alcancem o seu potencial pleno de participação do comércio mundial de bens e serviços. Cerca de 70 por cento dos pobres vivem em áreas rurais e dependem direta ou indiretamente da agricultura, mas dois terços do comércio agrícola mundial têm origem nos países ricos da OCDE, revelam os IDM. Em parte, isso acontece porque os países ricos gastam mais de US\$330 bilhões de dólares por ano para subsidiar os seus produtores agrícolas. Redução do protecionismo na agricultura representaria dois terços dos avanços necessários para a plena liberalização mundial de todo o comércio de mercadorias, com muitos benefícios potenciais para os agricultores de baixa renda dos países em desenvolvimento.

Enquanto as mercadorias, inclusive produtos primários e bens manufaturados, dominam o comércio dos países em desenvolvimento, as exportações de computadores e de serviços financeiros, de informação e de outros tipos estão ficando cada vez mais importantes. Além disso, a crescente globalização permitiu maior mobilidade da mão-de-obra, o que aumenta a importância das remessas para reduzir a pobreza.

Como cumprir a promessa de Monterrey

Além da liberalização do comércio tanto por parte dos países ricos quanto pobres, maiores fluxos de assistência, especialmente para os países mais pobres, são necessários para erradicar a pobreza extrema e alcançar as MMD. Os fluxos líquidos de assistência para países em desenvolvimento e em transição alcançaram US\$70 bilhões em 2002, acima portanto dos US\$54 bilhões registrados em 1997, indicam os IDM. Mais de um quarto desses fluxos foram destinados à África Subsaariana, onde representam 32 por cento da formação de capital bruto daquela região. Mas os países de rendas médias, inclusive a China, Sérvia e Montenegro, a Cisjordânia e Gaza e o Paquistão receberam a metade do total da assistência líquida.

Para alcançar as MMD, os países pobres precisam de muito maior assistência, além da redução da dívida que está em andamento. Os IDM indicam que a assistência para o desenvolvimento representou uma média de 0,59 por cento dos desembolsos governamentais entre os 22 doadores de assistência da OCDE em 2002 e 0,23 por cento da sua renda nacional bruta (RNB). Enquanto isso, as despesas militares nos países de alta renda representaram 11 por cento das despesas governamentais e 2,4 por cento do PIB em 1998. Nos países de baixa e média rendas, as despesas militares absorveram uma proporção ainda maior do total nacional: 12,3 por cento das despesas governamentais e 2,6 por cento do PIB, em 1999. O total de gastos militares foi de US\$794 bilhões em 2002, mais de dez vezes a assistência internacional líquida.

Importância da formação de capacidade em estatística

Os Indicadores anuais de Desenvolvimento Mundial, produzidos pelo Banco, são contribuição importante para acompanhar os avanços na consecução das MMD. Não obstante, a qualidade do acompanhamento depende do aumento da capacidade, nos países em desenvolvimento, de coletar, analisar e divulgar estatísticas. Os governos, os políticos e os administradores precisam de dados confiáveis. E também os cidadãos, a fim de responsabilizarem os governos pelas medidas que eles tomam. A formação dessa capacidade é vital para o cumprimento dos compromissos assumidos na Segunda Mesa Redonda sobre Desenvolvimento, realizada em Marrakesh, em fevereiro de 2004, para os quais o Banco Mundial está fazendo uma contribuição importante. Isso inclui apoio para a preparação de recenseamentos em 2010, estabelecimento da rede internacional de pesquisas domiciliares e a preparação das estratégias de desenvolvimento de estatísticas nacionais pelos países de baixa renda até 2006.

*“Os Indicadores de Desenvolvimento Mundial refletem os pontos fortes e fracos do sistema internacional de estatísticas”, afirma **Shaida Badiee, Diretor do Grupo do Banco Mundial para o Desenvolvimento de Dados.** “A melhora deles não representa apenas um desafio técnico mas um fator para o desenvolvimento, visto que os dados, as estatísticas e os indicadores estão no centro da agenda de resultados do desenvolvimento”.*

Novas estimativas de pobreza rastreiam a queda da pobreza mundial desde 1981

Pessoas que vivem com menos de US\$1 por dia (milhões)

Região	1981	1984	1987	1990	1993	1996	1999	2001
Ásia Oriental e Pacífico	767	558	424	472	416	287	282	284
China	606	421	308	377	336	212	224	212
Europa e Ásia Central	1	1	2	2	17	20	30	18
América Latina e Caribe	36	46	45	49	52	52	54	50
Oriente Médio e África Setentrional	9	8	7	6	4	5	8	7
Ásia Meridional	475	460	473	462	476	441	453	428
África Subsaariana	164	198	219	227	241	269	292	314
Total	1,451	1,272	1,169	1,219	1,206	1,075	1,117	1,101
Exclusive a China	845	850	861	841	870	863	894	888

Parcela das pessoas que vivem com menos de US\$1 por dia (%)

Região	1981	1984	1987	1990	1993	1996	1999	2001
Ásia Oriental e Pacífico	55.6	38.6	27.9	29.6	25.0	16.6	15.7	15.6
China	61.0	40.6	28.3	33.0	28.4	17.4	17.8	16.6
Europa e Ásia Central	0.3	0.3	0.4	0.5	3.7	4.2	6.2	3.7
América Latina e Caribe	9.7	11.8	10.9	11.3	11.3	10.7	10.5	9.5
Oriente Médio e África Setentrional	5.1	3.8	3.2	2.3	1.6	2.0	2.6	2.4
Ásia Meridional	51.5	46.8	45.0	41.3	40.1	35.1	34.0	31.1
África Subsaariana	41.6	46.3	46.8	44.6	43.7	45.3	45.4	46.5
Total	39.5	32.7	28.4	27.9	26.2	22.3	22.2	21.3
Exclusive a China	31.5	29.8	28.4	26.1	25.5	24.0	23.7	22.8

Pessoas que vivem com menos de US\$2 por dia (milhões)

Região	1981	1984	1987	1990	1993	1996	1999	2001
Ásia Oriental e Pacífico	1,151	1,104	1,024	1,117	1,080	922	900	868
China	858	809	732	830	807	650	630	596
Europa e Ásia Central	8	9	8	58	78	97	111	93
América Latina e Caribe	99	119	115	125	136	117	127	128
Oriente Médio e África Setentrional	52	50	53	51	52	61	70	70
Ásia Meridional	821	859	911	958	1,005	1,022	1,034	1,059
África Subsaariana	288	326	355	382	409	445	487	514
Total	2,419	2,466	2,466	2,689	2,759	2,655	2,730	2,733
Exclusive a China	1,561	1,657	1,734	1,858	1,952	2,015	2,101	2,137

Parcela das pessoas que vivem com menos de US\$2 por dia (%)

Região	1981	1984	1987	1990	1993	1996	1999	2001
Ásia Oriental e Pacífico	83.4	76.3	67.4	69.9	64.8	53.3	50.3	47.6
China	86.3	78.0	67.0	72.6	68.1	53.4	50.1	46.7
Europa e Ásia Central	1.9	2.0	1.7	12.3	16.6	20.6	23.5	19.7
América Latina e Caribe	26.9	30.4	27.8	28.4	29.5	24.1	25.1	24.5
Oriente Médio e África Setentrional	28.9	25.2	24.2	21.4	20.2	22.3	24.3	23.2
Ásia Meridional	89.1	87.2	86.7	85.5	84.5	81.2	77.7	76.9
África Subsaariana	73.3	76.1	76.1	75.0	74.3	74.8	75.7	76.3
Total	65.9	63.4	59.8	61.6	60.1	55.3	54.2	52.8
Exclusive a China	58.3	58.0	57.2	57.6	57.2	56.0	55.6	54.8

####

Jornalistas podem ter acesso ao material antes da expiração do embargo, por meio do Centro de Informações para a Imprensa, do Banco Mundial, no seguinte endereço da Internet:

<http://media.worldbank.org/secure/>

Jornalistas credenciados que não tiverem uma senha podem solicitá-la preenchendo o formulário encontrado no endereço:

<http://media.worldbank.org/>

O relatório e material conexo estarão disponíveis ao público na World Wide Web imediatamente depois da expiração do embargo no endereço: <http://www.worldbank.org/data>

O Banco Mundial solicita aos meios de comunicação que incluam esse endereço na sua cobertura a respeito do relatório.